



• **FANTOCHES** •

ROCHA MARTINS

UNDERWOOD

PERFEITA COMO
UM RELOGIO
DE PRECISÃO

AGENTES
THE MODERN OFFICE LTD.
 Casa especial de mobiliário e artigos para escritórios

R. do Alecrim, 107, 109
 LISBOA
 Telefone: C. 3066

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

Se Gualdino tivesse morrido...

Uma casa côr de canário na rua Castilho, 12 —
Apesar de tudo, vi o seu entêrro—Os comentários da imprensa e do préstito—Sob os ciprestes—O scetro da critica—Do sol de Carlos V ao da Brasileira

Eu acreditei na morte do meu velho e querido amigo Gualdino Gomes, só enquanto não vi a casa, onde, segundo as gazetas, êle se finára.

Era num predio côr de canario, de persianas de ferro à inglêsa, com seu guarda portão fardado, luz etetrica, telefone e, nos baixos, uma mercearia de luxo, cognominada *Castilho*, do nome do poeta, patrono da rua mas, na verdade, pertença de pessoa de menos nomeada, porém de larga cortezia, pois mandára pôr meios taipais como se arvorasse um fumo, um lucto.

Certamente não podia ser aquele o envolucro do leito mortuario do chefe da boémia literaria, a morada em cujo buraco da fechadura certa varina calita entalára, em tempos, uma sardinha à guisa de bilhete de visita ao dar pela ausencia do morador, seu devoto.

Era impossível; para mais, êle sempre embirrâra com o autoritário Castilho e não iria, agora, meter-se na rua do seu nome, mesmo pelo capricho de a destruir como uma traça irreverente e voraz nas paginas da obra do poeta cego.

Tive, pois, diante dessa fachada rica, a desconfiança de estar vivo o meu amigo, em frente do porteiro, quási a convicção da falsidade da noticia funesta, ao entrar na mercearia, a certeza appareceu-me, naquela respeitosa meia luz, onde o patrão, em voz baixa, asseverava ter sido equívoco de nome tal boato tragico e que, lá em cima, melido no seu caixão, rodeado de prantos e de rosas, estava a corromper-se o corpo de um negociante, incorrupto, até então, em vez da carcassa de um cri

tico sagaz, que, em vida, só encontrára para as suas diatribes as gangrenas de uma sociedade a desfazer-se.

Não, Gualdino estava longe da turba; e eu sorri ás paredes acanariadas, lambidas por um solzito de terceira extração, meti as mãos nas algibeiras e pretendi olvidar, sob o frio da manhã, a visão do meu amigo no esquife, a barbicha alva ponteagudando-lhe o rosto esmaecido, a cabeça mais nobre pela morte reclinada em almofadas, magro e engrandecido, tendo na expressão e no todo, não o ar de D. Quixote, de que êle tanto se apraz, em suas parecenças distantes, mas a de um senhor da Renascença, caído, à espera de um esculptor para a sua mascara à jazida destinada, a qual quatro lebreus pedestalariam.

E ainda, nestes cães, eu imaginava os que ladrariam no couce do seu funeral.

Sabia-o vivo mas debalde procurava esponjar da minha imaginação o choque da notícia, e, então, foi o funeral que vi, acompanhado por alguns amigos sinceros, mas dominado por uma maioria vaidosa, snobica, pantafaçada e espalhafatosa, atraída pelas boas palavras da imprensa ácerca do falecido e também muito por aquele passamento em tão aristocratico bairro.

Então esse homem do monóculo, arteiro, atrevido, o bôca de oiro, como lhe chamavam os admiradores, o maldizente, o má lingua, o cortacasacas, alcunhas dos filistinos, dos próceres, dos escandaleiros, dos tranquiбернаes, não era um vazio, nem tampouco um pobretana? Sim, senhor... Lindo artigo o do *Diário de Notícias*, esplendidas cousas as da *Epoca*, o *Correio da Manhã* viera num preito, os outros jornais todos a lamentá-lo e a enaltecê-lo?! E morava na rua Castilho, em pavimento rico?!

Nada. Tornava-se necessário ir ao entêrro; reparar-se-ia até se acaso não se depuzesse lá a lagrima e o cartão dobrado; naturalmente não faltariam os ministros... É que o velhote, com seu rosto faunico e sua crisotimica bôca, era da Bibliotéca...

E eu, agora, naquela mancha doirada de sol, via, na realidade olhava e seguia o féretro pomposo numa longa e vagarosa fila de trens, reparava nos convidados de negro e nos vidros falscantes de um automovel no qual se repotreava, em boa verdade, o ministro. Conhecia-se pelo correio muito doirado e muito mais pela barba de três dias. Jornalistas, literatos, — os litras — como êle chamara alguns, mostravam-se compungidos, tristonhos; actores, escanhoados até à derme, tomavam atitudes de ultimos quadros ibsenianos, braços pendidos, caras no chão; políticos meditavam na falta de não terem arrastado para os seus grupos pessoa de quem os periodicos em tais termos falavam, e as actrizes, espetando os seios, deitando-se para as objetivas, sorriam docemente como se representassem ingenuas e esperassem vêr-se no *A B C*, acentuando covinhas nas caiadas faces.

Puz-me a escutar as conversas á entrada do cemiterio.

Um padre gordo de estola e hissope em riste, ia, à frente ladeado pelo sacri-tão côxo, de bochecha inchada, atrapalhado com as vestes. O Gualdino morrera cristãmente.

— Tinha talento, lá isso... dizia um sujeito que sempre o olhara de revez.

— Oh! daqui! guinchava outro, de quem assinalára ruins feitos, sacudindo a orelha lanuda.

E num côro assentia-se; achava-se que passava das marcas. Gente sempre desligada dêle intitulava-se sua íntima, um conselheiro pomposo,

narrava, em confidencia morna, certa patuscada nas hortas em que se tinham pingado... Nas épocas da balburdia, da literatice... Sim, porque também poetára... Carregava na primeira sílaba, todo ancho e no fim soluçava. Indivíduos sempre repelidos do seu convívio, janotecos desdenhados pelo seu monóculo, birbantes aos quais mal enviezara um olhar, lascarins de má sombra, patiforios, estadistas, militares condecorados sem as canseiras da guerra, tiporios, fanloches que o crítico sovára por seus modos, arrebiques, defeitos e crimes, em frases sintéticas e lapidares proclamavam-se seus padres, apoderavam-se das borlas da urna, expunham-se, falavam alto para — quebrando a cerimonia grave e nojosa — aplaudirem, um de bigodeira, a luzir a insignia de S. Tiago, e a oferecer o jazigo: Muita honra! Muita honra! Fica ao pé do meu pai... E a minguada carcassa do meu pobre amigo corria os riscos de ir paralelar na divisoria com a podridão de certo usurario que já o descarnára em vida.

Ah! devo-lhe muito, imenso... gemia um vate, auctor dos *Lamentos de Jericó*, ao qual sempre tratára de jericoso.

— E eu! E eu! E eu!... balbuciavam quasi todos, dizendo-se alvos não de artigos — porque o grande extinto não se queimava, como êles, a satisfazer um publico ignaro — mas senhores de cartas sentidas onde os chancelava de Poës, Flauberts, Verlaines, Dierxs, tudo figuração do Larrousse... Tinha aquele feitio da sinceridade... Dizia o que sentia...

Elas, então, as do palco, choramingavam e afiançavam intimidades longinquas de outros tempos, de outras ruas... aiavam e declaravam não compreenderem porque êle, ao vê-las na gloria, as desdenhava, menos as buscava...

Subiu uma unisona exaltação e quando o primeiro discurso soôu, inclinaram-se as cabeças descobertas. De quando em quando, ouvia-se: Muito bem! Muito bem!

O ministro chamava-lhe «Sal atico da nossa canja nacional» e ao seu monoculo «a lupa dissecadora». Neste tom e com tanta redundancia, outros senhores o elevaram, o incensaram, o rotularam de epitetos retumbantes: «grão-vizir vernaculo da maledicencia garbosa»; «sublimado corrosivo das chagas sociais» — dissera um avançado; «galvazinador satânico» proclamára-o um reacionario; certo medico sábio selára-o de «Galaaz da psicologia» e um poeta, imensamente illustre, capitulára-o de «bisturí comentador».

Sob os ciprestes, seis ou oito vultos choravam. Eram os verdadeiros amigos; nem díscursavam nem posavam. Vertiam lagrimas pelo morto e pela sua apoteóse. Estavam de lucto duplamente.

Depois a luz descera; principiara a saída da necropole; passava-se aos bandos do Campo Santo para as carruagens; desfazia-se nos discursos, nos trajos, no padre e, por fim, no morto.

«Que nunca as ajudara! Só lhes embaraçara as carreiras... Não tinha graça... e a respeito de intellecto... Ah! que se êles não tivessem talento, o seu rico, o seu imenso talento...»

E aquelas nenias dos jornais?! O *Noticias*, uí! O *Seculo*, puh! O *Correio da Manhã*, chi... Os outros... ora... ora... Coisas das troupes da sua laia...

Um dos celebres, avançando, no meio do grupo concordante, decidiu:

— O que êle era, meus senhores, era gualdido... gualdido... gualdido... Pelo menos agora que acabou...

Deferiu-se logo o requerimento em que se propunha consagração à piada e um dos de mais respeito declarou grave e solenemente:

— «Você é que tem o scetro da crítica... Nunca foi dêle, meu amigo, nunca... Apanhe-o, meu caro confrade, é bem seu, é muito seu...»

O outro baixou-se e meteu rápida e supersticiosamente na algibeira uma ferradura largada por alguma das alimarias das tipoias. É que tal amuleto dá sorte até na literatura...

Tudo isto não passou de uma visão fugaz, rápida e mentirosa.

Gualdino não morreu; foi enaltecido sinceramente nos jornais e que, eu saiba, só dois homens assistiram, em vida, às apreciações claras dos seus contemporaneos que os julgavam finados. Êle, imperador da boémia literaria e Carlos V, imperador de todas as Espanhas; o crítico sem querer, o soberano propositadamente.

Se um escutou saudades e louvores, antes do entêrro é certo, o outro ouviu das boas por labios de cortezãos.

É que Carlos V era um tirano e possuía dominios onde nunca se punha o sol, e Gualdino Gomes é um atheniense ávido do sol que lhe fará dourar a palavra e o monóculo à porta da Brasileira por muitos anos e bons.

Senhora Dona Bolchevista

Um largo monólogo conservador — Uma colera
contra as reivindicações — A linda dos protes-
tos — O colar de 200 contos — A origem das mi-
sérias — A dama vermelha

Eles o que querem é mandar. Não se contentam em ficarem nas suas classes, desejam subir, trepar. Vai-se ao teatro e não se vê senão uma massa desconhecida... assim a modos gente ordinaria... Eu envergonho-me... O chale e lenço invadiram tudo... E o peor é quando se trocam por chapéus... Que situação, que sociedade... E' o bolchevismo.

A pobre senhora, muito aterrada na minha frente, quasi deliquescia, tanta impressão lhe causava o vêr as platéas cheias de pessoas desconhecidas para o seu alto pírismo, para as suas relações categorisadas.

É um horror — continuava do mesmo modo; — é uma cousa de entontecer!... Nós que temos educação, que sempre vivemos bem... passarmos a sentir uma gente vinda do nada, a proclamar-se, nos modos e nas atitudes, os senhores... É o bolchevismo!

Eu não lhe dizia nem que sim nem que não. Admirava-lhe a beleza dos gestos, a côrzita indignada que lhe ficava bem no rosto claro, as maneiras que desmanchavam um pouco a sua linha elegante, e como mais a admirasse do que lhe retorquisse, ela continuava:

— Ah! É que se isto continúa assim... tiram-nos o que é muito nosso, o que possuímos... Levam-nos tudo para enfeitar as suas grosseiras mulheres... Estremeço só de me lembrar da possibilidade de vêr essa turba nos meus ricos moveis, nas minhas salas, tocando nos meus vestidos... Sempre houve quem trabalhasse e quem gosasse, quem fizesse o jantar e quem só o comesse... Que idéas são estas agora?... Não ouço falar senão em fômes, creanças esmolando, desgraças... Mas tambem não vejo senão, alegrias, um povo que se diverte e nos ofende... Que querem, então?! Naturalmente que nos despojemos em seu proveito, que façamos mais caridade... Oh! o que eles querem é o impossivel... É a egualdade... Jesus... Eu igual á minha caseira que nunca foi a S. Carlos nem comeu *foie gras*...

Não pode ser... Isto é o bolchevismo!

Cada vez estava mais bonita assim zangada e em arremeços, deixando-se arrastar pelas palavras como se quizesse dizê-las todas duma

vez a alguém que andava sempre falando nas misérias sociais e pretendia um equilíbrio entre as grandes fortunas e as grandes misérias. —O que tenho é meu...—tornava ela—é meu... Eles que o arranjam também... Dê resto sou caridosa... Dou aos pobres a minha esmola e já até representei quadros vivos para não faltar leite a umas criancinhas... Mas mais não... O resto não... Ah! que idéa... E' o que lhe digo, é o bolchevismo... Não se respeita ninguém; morreu a hierarquia e já o *chauffeur* outro dia me olhou como se eu fôsse uma costureira... Olhou-me como homem... Apeteci-lhe. Quando é que um servo se atreveu...? E' o que chamam a igualitação das classes, como se fosse possível eu ser como eles, como os da rua... Não é verdade? Calcule que as minhas joias tão bonitas, tão artísticas tam para alguma dessas fêmeas ordinárias que não as saberiam apreciar?! E agora por joias... Ah! meu amigo, que horror... que desespero...? Calcule que fui ao Leitão com a Loló Macieira... Ia avaliar o seu colar de perolas... São lindas, sem falhas, magnificas é certo... Tive-as nas mãos e um desejo enorme de as engulir me veio... Sabe quanto valem? Duzentos contos... Antes da guerra apenas avaliavam em quinze... Duzentos contos?... E que mal lhe ficam! Que bem me ficariam a mim? Duzentos contos?! Oh! diga com franqueza, ha direito duma mulher trazer duzentos contos ao pescoço? E' isto que irrita, que perturba, que faz levantar as cóleras...

A Loló com as suas pérolas e eu sem as ter, eu que as saberia trazer melhor e que, emfim, sou de outra camada. Não ha direito, não... Tanta criança com fome e ela a ostentar aquele colar! Que lindo... Que belo... Não ha direito... não ha... Ha muita dôr, muita miséria... E' por isso que fazem revoltas... Duzentos contos num pescoço?... E queixam-se das bombas... Duzentos contos...

Falei então, atalhei áquela torrente de protestos para lhe dizer: —Repare, minha amiga. E' assim que falam os bolchevistas...

Córou, deteve-se e ficou mais linda. Era rialmente uma dama vermelha só de certas pérolas em diante como as outras ante a falta de um pedaço de pão.

As razões dos assassinios da noite tragica

Em volta dum depoimento de animatografo —
O que eu ouvi a Machado Santos quatro dias
antes da chacina — Uma nota em que se trata
dos morticínios — O papel ensanguentado e a
Maçonaria — Os republicanos contra a republica
— Como se escangalha uma arenga judiciaria

Ao Chico, recordação da infancia — José Carlos da Maia.

A Rocha Martins, Machado Santos, prisioneiro em Fontelo.

Diante dos dois retratos que tem estas dedicatorias decidi-me a quebrar o juramento de não mergulhar na discussão do 19 d'outubro — da *Maré de Sangue* — pois sinto serem eles — os fusilados — que me mandam falar alto.

Veiu um juiz — mocinho arteiro — declarar cousas tanto de cinema que não me posso eximir em vê-lo aos pulos numa fita comica, quando é á tragedia a sua visa. Leitor de Gaboriau, com fatias de papel selado, este individuo que foi director duma policia na idade em que costumamos ainda jogar o eixo, aventou a existencia duma conjura tenebrosa assemblada na rua dos Lagares e cujo fim era o de entregar Portugal á Espanha. Já se sabe serem realistas os traidores enganchados com o *Dente d'Oiro* e dispostos a tudo para se tornarem galegos.

Um padre — a vil reacção — ajoldava a conjura e se não fôsse por milagre de Deus, mais que por esperteza da policia, a estas horas o senhor Barbosa Viana — assim se apelida o juiz moço — estaria em otima situação; seria, talvez, o chefe da policia secreta de Sua Magestade El-rei Afonso XIII de Espanha e VII de Portugal, pois teria servido de tal maneira os traidores e tanta habilidade nisso demonstrou, que só com esse emprego de caínço leal se poderia pagar tão grande serviço.

E' que, sabendo das malas artes do padre e dos monarchicos, da cumplicidade do *Dente doiro* e quejandos, se calou muito bem talvez á espera dos espanhois, e quando reparou que eles só vinham a banhos deliberou narrar a protervia tão tarde, porém, que fez ir parar ao banco dos reus os officiais do 19 d'outubro, como se fossem eles os culpados.

Temos aqui presente — diz mestre Roberto — um juiz da republica, encobridor de inimigos do regimen e de traidores á patria, pois não os

prende e os salvou da barra da lei, talvez com reservado proposito mudara desde que lhe deram carteira num escritorio de advogados outubristas. — Orlando Marçal e Vieira da Rocha, — ali na rua do Ouro.

Conubiou-se a declaração teatral de que certo advogado de filaucias tambem se tornou éco, rendendo-lhe isso uma historia a acompanhá-lo até ao fim da vida porque surpreendeu, em termos atrevidos e inesperados, certo senhor, que é de má raça, como de resto ficou demonstrado e continuar-se-ha.

Mas vamos agora ao outro, a deitar-lhe a terra os documentos lara-rapiados dos archivos da policia onde ha mais inventiva do que certezas e menos logica do que cobardias.

A morte de Machado dos Santos e Granjo seria originada por êles pretenderem descobrir o *complot* realista ibero, calando-se no morticínio suas bôcas acusadoras.

É mentira! afirmo-o eu com a autoridade de quem nunca fez por-carias, nem foi da policia. É mentira, declaro-o diante dos rostos queridos dos meus infelizes amigos. É mais que mentira, já o disseram os irmãos dos fusilados e digo-o eu, baseado no que ouvi a Machado dos Santos e na documentação que não veio da cafua policial mas dos factos e dos dizeres de quem nêles tomou parte.

Machado dos Santos, quatro dias antes do crime, foi comigo pela rua do Arsenal e contou-me o que sabia da revolta a deflagrar-se.

Nem êle a poderia evitar nem o Granjo combatê-la eficazmente porque o chamado pacto de Viia Franca — a *entente* com a lavoura e certa homenagem de logistas — lhe alienára as simpatias. Assim o dizia o fundador da república, concluindo:

— Os revolucionários teem tudo, compadre, teem tudo... Eu nem posso mover os dois amigos que estão na guarda... Um disse-me que fôsse lá para o quartel... não vou... Que diabo!... eu fiz a república e êles são republicanos... Ninguem me tóca!

Falava-se já em morticínios e a prova está na nota redigida na Federação Republicana, a que o meu grande amigo presidia e, ao tempo, já instalada em S. Paulo, onde eu fui com êle nessa tarde:

«O Diretório do Partido Reformista, tendo ouvido o Junta Consultiva e com parecer unanime do Conselho de Fundadores, resolveu manter-se neutro na lucta que se anuncia entre republicanos opondo-se, contudo, com toda a energia, aos planos de chacina que alguns energúmenos, acalentam, bem como á execusão daquele programa revolucionario que veio publicado em varios jornaes e que, levado á pratica, não só lançaria em maior confusão os serviços públicos, como daria azo a inaugurar-se um novo período de perseguições politicas e de luctas religiosas».

Não é necessario reproduzir aqui o radical programa do 19 doutubro com o qual não concordava o Machado, mais conservador do que eu. Emquanto aos morticínios anunciados não temia cousa alguma por si.

Adregou-se falar na intervenção, se acaso se chegasse á pratica de tais designios e êle — que no dizer do juiz — estava á frente da contra policia — meu Deus, o almirante nunca poderia policiar, espionar! — safu-se com esta, o ultimo rasgo que lhe escutei:

— *E fazes tu historia e politica...? Olha, rapaz... A' Espanha monarchica só convem esta agitação... E' o seu caldo de cultura de*

bacillus para mostrar ao povo as turbulencias atribuidas ás republicas . . .

Nem mais uma palavra que, fatalmente, teria vindo, se acaso êle soubesse ou estivesse de sobressalto com o suposto *complot* realista-traidor.

Como se vê, é uma bola de sabão estoirada a tal ligação de Machado dos Santos e Granjo, a esse tempo já avisado pela Maçonaria dos errados passos do seu governo. Até eu o verberara no A B C, vestindo de padeiro o ministro da agricultura, o que me valeu um leve amúo do presidente do conselho logo desfeito á porta da Garrett, querendo ser êle quem, por seu punho escrevesse a resposta a uma das minhas cartas. Atesta-o o sr. Cruz, seu amigo e seu secretario.

A Maçonaria, em 13 de outubro, pela mão do veneravel Ferrer, 29 . . . contra assinada por Richard Wagner, 3 . . . avisára o irmão presidente do conselho, na sua *prancha* 131, que não procedia a seu contento.

Sendo maçon, êle e outros, não queriam cumprir os juramentos proferidos no acto da sua iniciação; a falta de liberdades fizera cair a monarquia «a república estava entregue a falsos republicanos e a monarchicos mascarados de republicanos»; nutria-se um grande desprezo pelos interesses do povo «os mesmos individuos protegem colossos que só servem para explorar o mesmo povo como succedeu com a actual questão da Companhia dos Electricos em que o actual presidente do ministério nosso Ir . . . dr. Antonio Granjo se colocou ao lado da mesma Companhia, ameaçando de metralhar o mesmo povo, se reclamasse contra a exploração que lhe fazem».

«Considerando que a força publica, e jamais aquela que tem o nome de republicana, não foi instituida para defeza da ladrões, mas defender os cidadãos dos mesmos» eles, os maçons, protestavam contra o acto do governo, lembravam a Granjo de que não é ameaçando o povo com as espingardas da guarda republicana que numa attitude provocadora se bandeava nos carros que se defendem os interesses do povo contra os seus exploradores».

Citavam-no, então, para que cumprisse seus deveres e dava-se-lhes conhecimento das resoluções da Off . . . e bem assim ao Con . . . da Ordem»

Foi esta prosa maçónica que appareceu na algibeira de Antonio Granjo, manchada de sangue, seis dias depois de ser recebida.

O senhor juiz Barbosa Viana esqueceu-se tambem de inquerir por este lado. Eu sou insuspeito quando falo assim por certas razões que não vêem aqui para o papel. Se cito o documento é porque tanto ruido se fez em torno dumas informações policiaes e uma calada desceu ante o aviso ensaguentado.

Que diria a esta citação um juiz a valer? O rapaz que dirigia as investigações desculpava tudo: os da C. G. T. não tinham entrado na revolta; no grande Oriente não se falou; o caso dos monarchicos com o *Dente de Ouro* fôra em 1920; os officiaes do 19 doutubro não tinham culpas e como o meu pobre Machado dos Santos fôsse fuzilado, canalhamente na treva, talvez o inquiridor julgasse tratar-se dum suicidio pois o morto já nada poderia contra a sua pessoa, seu emprego, e sua prosapia.

De repente, lança as culpas sobre os realistas, inventa o *complot* iberico. Não era assim que nele se trabalhava e eu vi documentos doutra ordem em mão dum grande republicano, meu amigo, mas nos

quais não se falava de monarquicos. O magistrado até esqueceu como o *Dente de Ouro* se dirigiu ao almirante antes de o arrastar para a chacina.

E' necessario recordar. Recorde-se. E' Machado dos Santos que o ordena; Carlos da Maia que o apoia— ambos aqui na minha frente— nos seus retratos traçados por dedicatorias amigas.

Já houve um homem bravo e talentoso, Cunha Leal, que soltou a grande exclamação no jornal de que António Granjo foi director, na *República*:

«Como é triste morrer esmagado pelo desabar do sonho de toda uma existencia! Sentir a República grudada a todo o nosso ser, senti-la nas mais intimas celulas do organismo, sacrificar-lhe os interesses sagrados da Familia, e ser chacinado em nome dessa mesma República por facinoras, armados em bons republicanos! Oh, os miseraveis, os miseraveis!»

É Machado dos Santos e Maia que me impelem tambem.

O cabo Abel Olimpio evocou para prender o almirante o nome do senhor Procopio de Freitas e, resingão, audacioso, chacoteador, foi picuinhando com os outros, conforme narra a *Imprensa da Manhã*, jornal onde os bandidos foram gabar-se do seu crime:

O sr. Machado Santos, com uma serenidade estoica, sem uma contracção denunciadora do perigo iminente em que se encontrava, não obstante saber já das mortes feitas no Arsenal, começou abotoando as botas. Nesta ocasião um dos do grupo disse-lhe:

—O almirante é mais feliz do que nós, que ao sermos deportados nem tempo deram para nos vestir. Ande, calce-se.

Em casa de Carlos da Maia sucedia quasi o mesmo e jámais as palavras República deixou de ser arvorada como uma bandeira a cobrir os actos dos que «bons republicanos» se diziam, pois queriam salvar o Estado. Lá o diz a mesma *Imprensa*:

Pretenderam os redactores deste jornal dissua li-los do seu intento, apelando para o seu republicanismo e fazendo-lhes vêr que tais actos longe de prestigiarem o regimen, só serviam para enodir o movimento que havia triunfado sem se tornar preciso disparar um tiro. A tais observações respondeu o chefe do grupo que era indispensavel dar um exemplo, de molde a, que de futuro, os homens públicos se mostrassem mais cuidadosos.

Após o fusilamento de Machado dos Santos, queria fazer-se subir a *Maré de Sangue*. Claramente o diz o empregario Augusto Gomes em cujo trem toi levado para a porta da Morgue o cadaver trespassado de balas do fundador da república. Queriam mais vítimas, queriam mais sangue. De quem?! De outros homens que andavam descobrindo a conjuração iberica realista? Não. Porque isso é uma invenção sinistra.

Queriam mais mortes de homens publicos, dos tais a «QUEM ERA INDISPENSAVEL DAR UM EXEMPLO». Como o *Dente de Ouro* e os seus camaradas procederam, di-lo o depoimento escrito daquele senhor empregario que é republicanissimo:

Perguntaram-me se sabia a morada dos srs. Barros Queiroz. Alfredo da Silva, Sotto Mayor e Fausto Figueiredo. Respondi negativamente, aproveitando o ensejo para afirmar— mas de forma a não os ag avar, naquela altura— que Barros Queiroz é um homem honestissimo eraum bom republicano de sempre e que os outros individuos citados que seria escusado procurarem, visto encontra-

rem-se no estrangeiro, são homens prestimosos, embora de acção discutível, por serem dotados e estarem dispostos ao emprego duma constante iniciativa e dos seus importantes capitaes. Resmungaram. E não foi sem um calafrio que vim a certificar-me de que tencionavam liquidar-me, se o acaso de ter dito quem era e de ter sido considerado «bom republicano», de tal não me tivesse librado. Não queria testemunhas incómodas.

Posto isto, que resta dessa ruidosa arenga feita em Santa Clara por um juís e que se escangalha, se esiacela, se dissolve, ao simples contacto da minha pena?

Fica apenas o zumbido de uma varejeira importuna que pretendeu alguma cousa bem diferente do que a minha justiça e a dos meus queridos mortos deseja.

Querem os espectros, a família, comigo a clareza para o castigo a fim de não se ter de ir justificar em nome da amizade... O juís moço parece querer apenas a confusão, como se exercesse ainda o seu antigo mistér.

A carabina do Buiça no aniversário da sua entrada na história

O Buiça no 28 de janeiro e no regicídio — A sua carabina — A detonação que jamais se extingue — A obra dessa arma — Do Museu ao horror — A mãe da república

Faz amanhã quatorze anos que se inaugurou o ciclo das modernas revoluções nacionais porque uns senhores, intitutados de «dissidentes» tinham certas aspirações ácerca da Companhia dos Tabacos e porque os republicanos se serviam deles e doutros para desacreditarem a monarquia.

Existia, ao tempo, num dos armarios do espingardeiro Heitor Ferreira certa carabina de bom aspecto, dum preço comodo e que em mão de atirador hábil poderia fazer grandes estragos. Adquirida a carabina faltava a mão. O Buiça, primeiro prémio das carreiras de tiro, ofereceu a sua e, numa tarde pesada de fevereiro assassinou o rei e o principe, no Terreiro do Paço, servindo-se o seu cúmplice do revolver de certo advogado celebre.

Rejubilaram os «dissidentes», de novo o seu chefe subiu as escadarias do paço; encheram-se de esperanças os inimigos do regimen e aquela arma que lhas dava, escondida no cofre da policia, tornada corpo de delicto, mal sabia como seria elevada ao grau de mãe da república.

E porque faz anos amanhã da sua saída do armario para a história é preciso celebrá-la. Podia ter ficado uma honesta carabina destinada a varejar perdizes ou a espantar pardais e tornara-se no instrumento regicida com o seu número, a coronha, o seu cano lúsidio. Ha destinos singulares nos inanimados como nos homens.

O que viera fazer essa carabina? Primeiro lançar o terror e o alarme; foi o ruído da sua detonação que gelou de pavor os que deviam defender o rei. Para estes soðu, como uma salva de funerais, para os republicanos como um foguetão de jubilo e cada vez que, ruidosamente, celebram os seus feitos, eu tenho logo a impressão de que vão estalando nos ares mais tiros disparados pelo seu gatilho, como sempre que se dá a morte terrivel dum inocente e à mesma arma que evoco. Não sei onde ela está e vejo-a; não conheço o seu paradeiro — depois da sua apoteose no Museu da Revolução com o varino seu cúmplice, o gabi-nardo seu encobridor — mas, dia a dia, lhe conheço a acção, a sinto dis-

parar-se feroz, forte, ininterruptamente, a vítimar. Foi ela quem fez dono da república o senhor Afonso Costa, e à sua família deu participação nos lucros; foi ela quem içou ao poder os aventureiros deixando na sombra os republicanos decentes e idealistas, foi ela quem entregou o país à plutocracia e quem gerou as fomes, as dôres, os amargos dias.

Por sua causa vêmos a terra portuguesa numa desordem feroz e sentimos os poderes invertidos; à sua custa se fez a miséria pública e êsse montão de cadáveres, que enche as páginas da história dos nossos dias e os cemitérios, pertence-lhe. Pois sim, venham dizer-me que ela não chacinou João de Freitas, no 14 de maio e não alcançou os monárquicos mortos à traição; digam-me não ter sido essa arma, comprada no dia 28 de janeiro, a autora do aniquilamento de Sidónio Paes e também que não foi ela que, na noite trágica de 19 de outubro, fusilou os mártires que talvez a tivessem outrora olhado com lividez nas faces ao repararem no que ela evocava, no que representava.

Alçada de simples carabina anonima às honras dum Museu, foi a autora de todos os crimes políticos e sociais, a guarda de todas as infamias e no seu cano se arvorou a primeira bandeira da república. Deixou de estar firme e aquecida nas mãos do Buiça para passar à de todos os outros assassinos, não propriamente, na sua função de arma, mas como um espectro maldito que trouxesse, no seu ventre, a destruição e o incitamento ao mal.

Quando se olhava para ela no Museu não guardava a fisionomia das carabinas suas irmãs, parecia sempre laivada de vermelho, agaloada de terror, como se, realmente o seu destino lhe marcasse, ao matar a realeza, a sua realeza do crime lhe desse um trono a erguesse a simbolo e a estandarte do assassinio.

Desapareceu a carabina do Buiça disseram os jornais, e, todavia, como um avejão como um fantasma malévol, destruidor, matando todos os dias, o país não a esquece, vê-a sempre: é a mãe do regimen, mãe neronica que ha de rebentar a barriga à filha, à força de se disparar ferindo-a, dia a dia! E' o contrário do que fez Nero ao querer vêr o ventre da mãe; ela é que, peor ainda, rasgará as entranhas da que de si nasceu.

Conversa com um macaco sobre o "macaco" das finanças e a herança

O simio e o homem — Paralelos das suas existências — Os humanos e os macacos no amor — Impressões dum super simio — As glândulas macacais — A moral defendida pelos quadrumanos

— O homem é um animal inferior . . . Demonstra-se . . . Fala; paga ás mulheres e, quando não o faz, o resto do seu sexo chama-lhe nomes feios; trabalha e junta uns papeis ou umas rodelas de metal que deixa aos filhos ou aos parentes e que o ministro das finanças de Portugal declara ser grande asneira . . . E com razão . . . Esse ministro é um grande macaco e — ó Roberto — faze-lhe lá os meus cumprimentos . . .

O macaco é um animal superior e o homem de Estado em questão teria o seu nome de Victorino, não confundir com Faustino, cá nas nossas taboas dos super-simios, se o acreditássemos . . .

Assim falava um macaco na sua jaula triste do Jardim Zoologico.

E', pois, supremo rei da criação o ser da minha raça — acrescentou o quadrumano — porque não faz discursos, — males linguisticos endemicos e perturbadores — não saca da bolsa, mesmo que a use, um ceutil para o amor, não se cansa de levantar predios, fabricas, cathedrais, a criar telegrafos, automoveis, submarinos, para uso dos ricos . . . O macaco não fala porque não quere, não esportula para o sensualismo porque acha que cada um, em amor, deve dar mutuamente o que possui, a caricia, o beijo, o grande arrepio da vida; não lega nada aos filhos, os quais pertencem á comunidade, e a respeito de heranças, já se vê, está de acordo com o seu colega Vitorino, quando diz ao deputado monarquico Carvalho da Silva:

«V. ex.^a, como monarquico, quer cultivar o direito á herança; eu, como republicano, desejo cerceá-lo, porque só mandriões se tornam os que herdam»

As leis que os homens agora proclamam ás meias doses, àcêrca dos sexos, das fortunas, das heranças, dos territorios usam-nas os ma-

cacos desde o dia em que acabaram com os parlamentos . . . Nós só falamos em ocasiões excepcionais, como esta, em que nos procuram arrancar egoistamente as glândulas para fazer o homem viver mais tempo, afim de dizer mais tolices . . . E' exactamente porque, sob pena de morte, deliberamos não falar, desde o diluvio, que os nossos órgãos estão menos cansados e agora se diuêem num elixir de longa vida.

O macaco, rei da criação, vive cem anos; antes das assembleias humanas da palrança, o homem não vivia menos . . . Falou, pois, como um macaco o ministro e não digo como um soberbo simio, só porque aquilo não é cousa que ele sinta do coração, como nós.

Ora suponhâmos que amanhã, este republicano, mercê de algum empréstimo com a Alta Banca, do qual receba percentagens, luvas, — outra cousa que os macacos não usam — enriquece e sente a morte a chegar-lhe, depois de ter gosado como um homem — gôso sem a grandeza do nosso, todavia. A primeira cousa que proclamará será o direito de herança para não deixar os filhos na contingência de fabricarem os prazeres dos opulentos. E então decidirá que as corôas da sua pecunia, aos do seu sangue pertencem. Se lhes dissermos que, neste caso, os reis também devem deixar as suas corôas aos filhos, matando assim o princípio republicano, o cavalheiro responderá ter, por isso mesmo, trocado as suas em escudos. Escudos contra a miséria, a agrura, a polintrice dos seus. Então para que foi êle ministro, fez os empréstimos, transigiu com os financeiros? Exactamente para amealhar como êles, embora diga o contrário. Já se vê que tudo isto são suposições ácêrca deste nosso macaco, mas muito autorisadas pelos exemplos precedentes. Ora vão lá dizer ao milionário Afonso Costa que desherde os filhos; êle responderá logo que, se macaqueou tanto tempo os pés frescos, não foi para continuar a andar descalço. Claro que se trata duma maneira de dizer — porque lá botas arranjou êle sempre.

O homem — perdôe o senhor Roberto que é de pau e apenas pretende parodiar os humanos, salvo o devido respeito à companhia, que à maioria dos da sua espécie diz as verdades — o homem não passa de um ser inferior comparado comnosco. É vil, é explorador, é feroz, é egoista, e no fundo não é senão um idiota à nossa vista, porque não nos odiamos, não inventamos peças de artilharia, não fingimos ter as altas idéas de honra, dignidade, nacionalismo, fronteirismo, para engulirmos os da nossa espécie nem sômos capazes de dizer aquilo que não se timos: a maior qualidade dos dirigentes do mundo. E no fundo, repare como êles seriam eguaes a nós sem as suas casacas, os seus palácios, as suas idéas, as suas ambições, as suas perfídias. Agarre no mais correcto *gentleman*, vista-o como esses exploradores da vaidade que teem renôme universal, coloque-o num salão e faça com que uma pulga — uma simples pulga — o môrda. Logo têm o instincto de se coçar e se o não faz, é porque, no fundo, mente. Nós, coçâmo-nos logo.

Tambem nenhum Molière inventou um macaco Tartufo. Coloque-o no amôr e verá como êle engana, — exactamente como ela, porque eu tambem não exclúo as senhoras achando preferiveis as macacas que são menos gentis mas não pedem brilhantes — ; verá como êle representa, se diz capaz de morrer, de desvairar. De repente um cataclismo passa; chega um incendio, um naufragio, um terramoto e, deixa à bela o cuidado de se salvar, passa-lhe sobre o corpo para garantir a péle.

Nós, nestes casos, agarramos as fêmeas e levamo-las sem mais cui-

dados que os de salvarmos os pêlos; os nossos e os delas. E, dentro das florestas, na vida larga que os idealistas sonham e que para triunfarem custam rios de sangue, nós vivemos até à hora em que a natureza quere ou em que o homem nos mata ou aprisiona. Não temos para colocar na chefia de um país um macaco mais feio ou mais bonito, mais medalhado ou mais atrevido, porque, não carecemos de donos nem fazemos vénias senão por troça aos homens, o que êles chamam *macaquices*, e passam a vida a exteriorisar nas salas, nos casamentos, nos cafés, nas ruas, mentirosamente, falsamente, imaginando enganar os outros, que lhes fazem o mesmo, isto na Londres fria, no Paris elegante, na China arteira, na Patagonia e na Corêa, aí por essa Lisboa, páteo onde a Europa deita as cascas das suas ideas e dos seus *menús* — e até em Vila Franca de Xira que é uma Lisboa com menos lixo.

Parece-me ter demonstrado a nossa superioridade, mas, de resto, eram escusadas as razões porque os proprios homens, quando querelem elevar alguns dos seus, exclamam: *isso é um macacão!*

Vamos a analisá-lo e, coitado, não passa de um homem. É o que succede a esse ministro das finanças que macaqueia os radicais detestadores de heranças — enquanto não enriquece.

E querelem as nossas glândulas para viverem mais tempo?

Nunca. Os ricos existiriam eternamente, se os filhos não os matassem para herdar.

É em nome da dignidade da vossa raça que nós guardamos a nossa da chacina. Quem defende a moral, senhor Roberto, somos nós. Disse... e pôz-se a coçar na barriga.

SUMÁRIO DO N.º 5

SABADO, 3 DE FEVEREIRO

Conversa de D. Carlos com a Republica no Pantheon — O ministro da agricultura roubou o livro? — Dois "sportmens" e a gatunice — As estrategias dum lente da Escola de Guerra, etc. — O meu desprezo pelas ameaças.

A Imprensa e os "Fantoches"

O **SECULO** — O sumario do 3.º dos *Fantoches*, de Rocha Martins, posto hoje á venda, é o seguinte: *Os Dentes de Ouro, As Cionémicas, Os que lançam a bomba e os que a bomba lança, Na conca do frigio, e Os cumplices do esquartejador.*

O **DIÁRIO DE NOTÍCIAS — FANTOCHES** — Panfleto de Rocha Martins é hoje posto á venda o 3.º numero. Sumario: *Os dentes de ouro — As cionémicas — Os que lançam bombas e os que a bomba lança — Na conca do frigio — Os cumplices do Esquartejador.* A' venda em toda a parte. Assina-se na Rua do Alecrim, 65, sobre-loja.

O **DIA — FANTOCHES** — Está publicado o terceiro numero deste belo panfleto de Rocha Martins.

Sumario: *Os dentes de ouro, As cionémicas, Os que lançam bombas e os que a bomba lança, Na conca do frigio, Os cumplices do Esquartejador* — ou seja toda a vida palpitante de Lisboa passada á fieira d'um comentario vivo e mordaz.

Assim se vae acentuando, nume o a numero, o esplendido exito dos *Fantoches*, novo titulo de gloria do jornalista brilhante que é Rocha Martins, nosso querido amigo.

O **DIÁRIO DE LISBOA — FANTOCHES** — O sumario do n.º 3 do panfleto *Fantoches* do illustre escritor Rocha Martins, é o seguinte: *Os dentes de ouro, As cionémicas, Os que lançam a bomba e os que a bomba lança, Na conca do frigio, Os cumplices do esquartejador.*

O **MUNDO** — Rocha Martins é incansavel. Diziam outro dia que se desconfiava de que ele inventara o processo de impressionar o papel... sem escrever. A não ser assim ninguem é capaz de explicar como é que ele tem tempo para tanto. Agora tem os *Fantoches* semanalmente, e para se variar de si mesmo ensava um trabalho de embutidos com alguns termos raros que destoam da sua habitual prosa fantasista e vivaz: Os *Fantoches* são um trabalho de critica, onde as coisas politicas da nossa terra se agitam e se comentam. Como a politica me interessa escassamente não alcanço, a não ser com grave custo, a analyse das preposições e dos conceitos apresentados. Lite almente, os *Fantoches* são articulados com habilidade. — M. dos Sequeira.

A **EPOCA — FANTOCHES** — O n.º 3 deste vigoroso panfleto foi recebido pelo publico com um favor bem merecido, Rocha Martins clama ali brutalmente verdades cadentes, como naquele capitulo *cionémicas*

E um pedaço de prosa violenta, que não se destina por certo a todas as classes de leitores, mas que certos paes e certas mães deviam ler...

Egualmente ha duras verdades nos capitulos *Os que lançam a bomba e os que a bomba lança e Os cumplices do esquartejador.*

A **CAPITAL — FANTOCHES** — Rocha Martins, que é um historiador *doublé* de panfletario vigoroso, escarpelante, está publicando os *Fantoches* cujo segundo numero safu ha dias.

E' uma analyse endabrada a situação do país, quer no seu aspecto politico, quer no aspecto social, de que a febre dos grandes negocios é a mais alta manifestação.

E' claro que Rocha Martins vê o problema através o seu ponto de vista monarchico. Mas, extraída a parte do exagero da sua visão, é um esfarrapante estudo, que deve pôr calafrios em muita gente.

IMPRESA NOVA — Com a transcrição na integra de dois dos artigos acerca da moagem, referiu-se este nosso colega tambem lisongeiramente aos *Fantoches*.

SÓROS E VACINAS

TODAS AS EMBALEGENS SÃO ACOMPANHADAS DE SERINGA E AGULHAS

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS
APARELHOS DE MEDICINA

Estabelecimentos ALVARO CAMPOS

LISBOA-PORTO

Telef. 1017-Central

